

Dois músicos de Mateus

A viagem deixava-se adormecer na manhã ainda pouco clareada. Os olhares espalhavam-se na quietude da paisagem e colidiam serenos nas serras e nos vales, estes inundados de frescura e de vida, de mistérios evocativos de saudades e memórias.

Durante a viagem, o silêncio tranquilizava os músicos e dava-lhes a paz de espírito- o repouso dos bravos!

Esse silêncio era, por enquanto o que restava para além da leve e fresca brisa da noite.

Santulhão, perto de Vimioso- era o destino da Banda de Mateus. Noite misteriosa e bela de Agosto do ano de 1953. No céu surgiam bocados de nuvens avulsas galopando em várias direções criando atmosferas e sensações prenunciadoras de alguma chuva que haveria de cair.

Essas silhuetas no céu, na sua timidez, iam desaparecendo, e os primeiros raios da manhã convidavam o Sol a nascer triunfal na boca de pequenas montanhas que lhes pacificavam as cores, fazendo brilhar a força genial e inconfundível da criação. A incidência do astro nos rostos dos músicos despertou e instigou o apetite para uma inocente provocação do António Lopes (Furão) ao colega António Silveira (Corrupito).

-Eh! António conta uma das tuas chalaças prá malta despertar... “

Este, só aos poucos se apercebe que os colegas ainda estão no aconchego dos mais variados agasalhos, enquanto a camioneta de caixa aberta propriedade da Borróna, abana furiosamente numa curva apertada em piso irregular e perigoso.

- Eh António!- repete o Furão agora com voz mais força e determinação.

- Então, aí vai uma pró maralhal! – Enquanto o dizia já o seu rosto se transfigurava numa expressão maravilhosa de boa disposição. As anedotas contadas como ele sabia, não deixavam ninguém indiferente e António Silveira deixava-se embalar num entusiasmo desconcertado à medida que os colegas o seguiam expectantes. No decorrer das histórias todos os músicos se prendiam, quase que hipnotizados palpitando e rindo numa só alma.

Riam à gargalhada, como que se as estivessem a ouvir pela primeira vez... como se o amor, a dor, o drama e toda a natureza fosse o universo de todos porque a música une e os sons são a concórdia plena da perfeição da vida.

Pelas oito e meia da manhã o bombardino do Furão começa a anunciar a aproximação da aldeia. Do seu instrumento, saem registos sonoros doces e baloiçantes, como sementes que se espalham em redor e que dão alento e inspiração aos músicos para uma festa que havia de começar às nove e terminar por volta das cinco da manhã.

Como mola impulsionadora, embriagando com a doce combustão de quem sente na música a única musa inspiradora, Furão extasia-se na contemplação da sua melodia. Quase sempre António Silveira, incorporado no forte desejo de tocar “entra” na música do Furão, enriquecendo-a com a sua apurada técnica impressionando todos os colegas de viagem.

Os dois faziam uma dupla muito respeitada pelas outras bandas; diziam até que eram uma dupla imbatível. Furão era portador de uma sonoridade graciosa e cheia, aveludada... António Silveira, um artista de grande precisão técnica e rigor interpretativo. Tocava com ambas as mãos com a mesma facilidade e vigor. Os dois completavam-se e completaram-se durante cerca de trinta anos em que juntos serviram imersos na mais forte paixão a Banda de Mateus.

Esta dupla de bombardinos é uma das mais belas e apaixonantes recordações da Banda de Mateus num historial rico de figuras que perpassaram pela velhíssima coletividade e que dão voz a um património que jamais deve ser esquecido.

Acharíamos nós que estes e outros músicos deveriam ser eternos, incorporados na luz do infundável desejo do bem servir a arte dos sons. Porém, é a memória dos que tiveram a felicidade de os conhecer e admirar em vida que lhes deve dar o testemunho enquanto músicos admiráveis de Mateus.

Já no recolhimento do profundo descanso, repousam nos cemitérios (Furão, em Mateus, António Silveira, em Constantim) como homens ilustres e músicos de gabarito. Em Mateus, ao longo do cemitério, alinham-se em túmulos ou campas uma miríade de músicos cujas inscrições o tempo apagou, mas não deve esquecer. Muitos foram mestres e bem perto ainda se podem ouvir sussurros evocativos das conquistas do passado. Passado feito de saudade e de memórias eternas.